



Sobre a resistência

Marcus André Vieira

O que resiste? No senso comum o que é firme, o que luta. *Resistir*, nesse sentido, é um valor positivo. Em nosso país, porém, resistir, às vezes parece sobre-humano, pois, para tantos, é preciso resistir a um Outro profundamente desigual, escravagista. Esse que nos últimos tempos instaurou um governo fascista, apólogo da morte.

Neste contexto, resistir a qualquer preço pode ser fatal. É necessário, então, que resistência esteja associada a outro termo: *sobrevivência*.

O que sobrevive? O que luta. E quantos mais na luta, melhor. Mas cabe a pergunta: haveria outros modos de resistência, que sejam de sobrevivência, mas não apenas os de luta? Para os psicanalistas, é fundamental desdobrar a pergunta em: a psicanálise teria alguma contribuição nesse debate?

Retomo o que indica Lacan sobre a resistência, no seu Seminário 2, *O eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise*:

São vocês [psicanalistas] que provocam a resistência. A resistência, no sentido em que vocês a entendem... Não existe resistência por parte do sujeito [analisante]. (...) Vocês é que a supõem. (...) Em outros termos, a resistência é a maneira pela qual, naquele dado momento, o sujeito interpreta o ponto em que ele está. Vocês é que chamam isso de resistência. Isso quer simplesmente dizer que ele não pode ir adiante mais depressa, e quanto a isso vocês não podem dizer nada. O sujeito está no ponto em que está. (...) Existe apenas uma resistência: é a resistência do analista.

O que *resiste*? O termo, agora no contexto analítico, terá valor pejorativo. Além disso, Lacan procede a uma inversão célebre: a resistência não mais se situa do lado do analisante, mas do analista. Acontece quando, por exemplo, o psicanalista assume ter um saber a priori, acreditando conhecer quais seriam os “objetos sexuais” do analisante, segundo Lacan. Neste caso, para o analista, *interpretar* é mostrar, apresentar e dirigir o analisante para esses objetos. Lembra muito o *mansplaining* atual. Por isso, a frase: a resistência é sempre do analista.

♦ Este texto foi redigido a partir do trabalho do cartel *As cores dos corpos* (composto por Ana Lúcia Lutterbach-Holck, Cleyton Andrade, Daniele Menezes (+1), Flávia Cera e Vilma Dias) e da preparação e discussão do quinto encontro do seminário *Psicanálise e Política* da EBP-Rio (com Renata Mendonça, tendo como convidada Cristiane Ribeiro). Sem estes espaços e estes interlocutores teria sido impossível.

Lacan não associa resistência à sobrevivência. Na sua *rue de Lille*, em Paris, certamente, isso não era uma questão. No entanto, no lugar do jogo da resistência, tanto a de luta quanto a do analista (do saber), Lacan vai propor outro jogo: o da nomeação.

Tudo parte daquilo que de inconsciente numa análise insiste e pode, ou não, ganhar lugar. O que *insiste*? O ainda não dito do desejo: memórias, fragmentos de prazeres guardados nas profundezas do gosto. Em vez de resistirmos a isso buscando compreender, dar sentido, acreditando saber exatamente o que isso quer, trata-se de outra coisa. Em lugar de saber, é preciso *nomear*.

Nomear é dar existência ao que insiste sem necessariamente pressupor uma essência. Existência e essência não são a mesma coisa. Um exemplo: o que faz Freud com Ernst, seu paciente nomeando-o *O homem dos lobos*? Freud reconhece que entre “Ernst” (S1) e “Lobo” (S2) há o sujeito, e seu desejo, que insiste, na cadeia significativa de uma história pessoal, mas nunca consiste em nenhum de seus elementos. Em vez de dar a esse sujeito essência fixa, Freud nomeia. O que diz essa nomeação? Que não há “Ernst” sem um “lobo” por perto. Isso em nada afirma, sobre Ernst, em termos de essência. Conferir essência, por exemplo, seria defini-lo como um lobisomem, associando duas naturezas essenciais: a de homem e a de lobo.

Resistir, com relação ao desejo inconsciente e ao sujeito, é conferir-lhes demasiada essência, aprisionando-os em uma consistência suposta (como a dos lobisomens). É o analista que acredita conhecer o desejo, lá no fundo, do analisante. No pior dos casos, a consistência dada ao sujeito se faz sob a forma de um sentido fechado, uma identidade rígida que Lacan chamou *holófrase*. Essa operação mortífera chega a ponto de extermínio quando leva os fascistas no poder a assumir, por exemplo, que preto é sempre pobre e bandido.

Por oposição à identidade rígida, podemos pensar nomeação como a materialização de uma *ex-sistência*. Esta seria a presença de uma ausência definida por Lacan com relação a uma consistência dada: “a ex-sistência é, no fim das contas, esse fora que não é um não-dentro”, “esse em torno do que se evapora uma substância”.

A melhor maneira de materializar a ex-sistência do desejo inconsciente é tomar a nomeação como *encruzilhada*. O termo parece feito por encomenda para traduzir o que Freud definiu como *sobredeterminação*. Numa análise, a nomeação do desejo é sempre uma encruzilhada. Sem contar que, com a ideia de encruzilhada, ganhamos, como destaca Cristiane Ribeiro, uma linha direta com costumes ancestrais e com o espaço mágico dos orixás, em que se pressente o valor criacionista da nomeação.

Nossa ação, a de interpretar, ganha um novo contorno: passa a ser nomear o que temos em nós, que sem nome só podia insistir, mas que, agora, ex-siste. Assim, meio de banda, o que *re-existe* pode, ainda por cima, ser resistência dado seu poder, no melhor estilo Exu, de abrir caminhos.